

A MORTE TEM MUITOS NOMES: entrevista com prof. Jacob Kehinde Olupona

Jornal New York Times (on line)

By **George Yancy**

Filósofo, professor da Emory University e autor de vários livros sobre raça, sociedade e fé religiosa.

14/01/2021

Introdução

A conversa deste mês em nossa série que explora religião e morte é com Jacob Kehinde Olupona, professor de tradições religiosas africanas na Harvard Divinity School. Ele é o autor de “City of 201 Gods: Ilé-Ifè in Time, Space, and the Imagination” e “African Religions: A Very Short Introduction”. Nesta discussão focamos na tradição religiosa do povo Yoruba.

Yancy: Aqui no Ocidente, onde algumas religiões monoteístas dominam a cultura, o conhecimento e a compreensão das práticas religiosas indígenas africanas são raros. O iorubá é monoteísta ou politeísta? Ou é algo totalmente diferente?

Olupona: A religião Yoruba manifesta elementos de ambos. Difere de muitas religiões mundiais que definem sua cosmologia principalmente em termos teístas. A religião iorubá se concentra na experiência religiosa vivida pelas pessoas, e não em crenças e credos sistematizados, como vemos em outras religiões do mundo, como o islamismo e o

cristianismo. As tradições religiosas iorubás são tecidas em torno de tradições e práticas orais. O reino espiritual existe paralelamente ao reino humano e acomoda o Ser Supremo, deuses, ancestrais e entidades espirituais menores que interagem com o reino humano em diferentes níveis.

Central para a visão de mundo religiosa Yoruba é a noção de (Ase), que Rowland Abiodun caracterizou como “a palavra poderosa que deve acontecer”, “força vital” e “energia” que regula todos os movimentos e atividades no universo. As atividades religiosas são em sua maioria comunitárias e são guiadas por especialistas, guardiões e líderes das tradições: reis sagrados, adivinhos, sacerdotes, sacerdotisas e curandeiros, todos essenciais para manter o equilíbrio do cosmos.

Os iorubás concebem o mundo como duas metades de uma cabaça - aquela em que vivemos e aquela onde vivem as divindades e ancestrais. Entre essas duas esferas, existem forças, principalmente de natureza malévola (ajogun, ou guerreiros), como Wande Abimbola os chama, que devem ser constantemente aplacados, às vezes com sacrifícios, para evitar que causem estragos na terra. Em suma, as práticas devocionais humanas desempenham um papel central na regulação das atividades de ajogun e na manutenção do equilíbrio do universo iorubá.

Yancy: No Ocidente, as religiões indígenas africanas são frequentemente descartadas como “primitivas” ou “supersticiosas” por aqueles que não as conhecem. Você pode dar aos leitores não familiarizados com as tradições religiosas africanas um pouco da história e complexidade do povo iorubá e sua cultura?

Olupona: O povo Yoruba, que vive principalmente no sudoeste da Nigéria, é um dos maiores grupos étnicos da África Ocidental. Os iorubás também são encontrados na República do Benin, Togo, Serra Leoa e em vários outros países. Como resultado do comércio transatlântico de escravos, entre os séculos 16 e 19, um grande número de iorubás foi levado para o Caribe, América do Norte e América do Sul, onde tiveram grande influência na cultura e religião do Novo Mundo.

Yancy: Então, em certo sentido, as influências da cultura e sensibilidade iorubá já estão aqui no Ocidente, e existem há séculos. E a população principal da Nigéria?

Olupona: A origem dos Yoruba na Nigéria é um pouco mais complexa. De acordo com o mito de origem iorubá, o mundo foi criado na cidade sagrada de Ilé-Ifè, onde a civilização iorubá floresceu no século IX e se tornou um dos maiores impérios da África Ocidental. Embora o Império Yoruba Oyo seja agora reconhecido como a fonte da língua, cultura e sistema de valores iorubá padrão e contemporâneo, é a Ilé-Ifè (a antiga e sagrada cidade dos iorubás) que os estudiosos agora acreditam que todos os outros assentamentos iorubás devem sua cultura urbana incomparável e cidades-estado cosmopolitas robustas. Outros mitos de origem aludem à migração iorubá de lugares distantes para suas casas atuais, mas isso não foi comprovado pela arqueologia ou na cultura iorubá de forma mais ampla.

Yancy: Como os crentes iorubás pensam sobre a realidade e o significado da morte?

Olupona: A morte como uma força palpável paira sobre a consciência religiosa e social iorubá. Da cosmologia a várias práticas rituais e gêneros de tradições orais, como provérbios, poesia e contos, todos são trazidos para lidar com a realidade da morte. Não passa um dia sem que os falantes da língua iorubá não mencionem a morte como um fenômeno e uma certeza.

Entre o povo Owo Yoruba, Iku (morte) é comparado ao hipopótamo (eyinmi/erinmi), cujo peso ninguém pode carregar e de cuja presença não se pode correr ou escapar. Isso transmite o dilema de uma criança enlutada que não pode carregar o corpo de um pai falecido nem é corajosa o suficiente para abandoná-lo, destacando o desamparo de alguém diante da morte.

Nos contos folclóricos iorubás, a morte também é retratada como um velho abatido que carrega uma pesada clava com a qual mata suas vítimas. Ninguém é poupado. Os jovens, os velhos, reis, chefes, plebeus e ricos podem ser suas vítimas. Supõe-se que na criação, e antes que os indivíduos deixem Orun (o outro mundo), a mente pré-consciente é

informada de quando a morte atingirá Aiye (este mundo) e quando eles retornarão a Orun. A data marcada, no entanto, nunca é conhecida.

Yancy: De acordo com Yoruba, os seres humanos devem abraçar a morte? E se sim, como ou por quê?

Olupona: Supõe-se que a morte não acaba com a vida de uma pessoa, mas marca uma passagem de um reino de existência para o próximo. Portanto, os iorubás acreditam que existe uma vida após a morte (ou uma “morte após a morte”) na qual os mortos-vivos existem como parte do cosmos sagrado.

Há também uma resposta ambígua à morte, dependendo das circunstâncias que cercam o evento. A morte na velhice, por exemplo, é bem-vinda como cumprimento de uma das missões fundamentais da vida. Essa forma de morte é celebrada pela comunidade como uma transição necessária para o mundo ancestral. Por outro lado, as mortes que ocorrem na infância, na infância ou na idade adulta são desaprovadas e nem sempre celebradas, porque o falecido ainda não cumpriu sua missão na Terra.

As mortes envolvendo causas não naturais se enquadram na mesma categoria. É por tradição um tabu que os idosos participem dos funerais dos jovens, para evitar o toque de morte malicioso. Isso também porque a morte de uma pessoa mais jovem é considerada uma “morte ruim”, não digna de comemoração pelos mais velhos. É um tabu para os reis (Oba) testemunhar celebrações fúnebres ou contemplar um cadáver.

Yancy: Existe uma conta em Yoruba que explica por que tememos a morte?

Olupona: Com certeza. Os nomes pessoais iorubás revelam muito sobre por que eles temem a morte. Considere o seguinte:

Ikubamije, “A morte me arruinou”;

Ikubileje, “A morte causou estragos em nossa família”;

Ikugbeye, “A morte tirou nossa dignidade”;

Ikumone, “A morte não faz acepção de pessoas”;

Ikumofin, “A morte não reconhece nenhuma lei”;

Ikupakin, “A morte matou o herói”;

Ikupelero, “A morte matou uma socialite”;

Ikusika, “A morte cometeu atos de maldade”, e assim por diante.

Os mortos também devem ser chamados para vingar sua própria morte injusta. Certa vez, minha avó materna me contou a história de um tio-avô que foi assassinado na fazenda do meu avô enquanto trabalhava e cujo corpo foi levado para casa para os ritos fúnebres. Meu avô, sendo cristão devoto, opunha-se aos rituais do “oku riro”, preferindo deixar tudo nas mãos de Deus.

De alguma forma, antes do sétimo dia do enterro, o falecido vingou sua própria morte perseguindo o assassino durante o sono. Diz-se que o assassino acordou repentinamente de seu sono gritando enquanto o espírito falecido o “perseguia”. Não muito tempo depois, foi relatado que o assassino desmaiou e morreu!

Yancy: Existem circunstâncias específicas nas quais devemos temer a morte, de acordo com os iorubás?

Olupona: Sim, especialmente quando as mortes são incomumente frequentes ou inexplicáveis. Os iorubás estão acostumados a encontrar causas de morte e garantir que não voltem a ocorrer. Por exemplo, eles temem a morte de crianças conhecidas como “abiku” que estão associadas a “crianças espirituais”.

São crianças que reencarnaram para renascer e morrer de qualquer maneira. Essas crianças estão presas em um ciclo perpétuo que as impede de crescer até a idade adulta. A morte de crianças espirituais desafia tanto a mente iorubá que dizem que os abiku confundem até mesmo os curandeiros e mulheres mais experientes.

Eles também temem a morte que ocorre em circunstâncias misteriosas, como quando um casal morre no dia seguinte ao casamento, um nadador muito experiente se afoga e morre, um governante morre logo após ascender ao trono, um indivíduo perfeitamente saudável

morre repentinamente sem sinais aparentes de doença; ou todos os filhos ou irmãos de alguém morrendo no mesmo dia, mesmo estando todos localizados em lugares diferentes.

Todos esses exemplos nos fazem refletir sobre o significado de nomes pessoais iorubás como:

Ikundefu, “A morte se tornou um vento”;

Ikuosunwon, “A morte não é agradável”;

Ikujaiyesimi, “Ó Morte, deixe a comunidade ter um espaço para respirar”

Ikudabo, “Ó Morte, por favor, pare.”

Yancy: Existe uma relação entre como vivemos nossas vidas aqui na terra e o que acontece depois que morremos?

Olupona: Na cosmologia Yoruba tradicional, parece não haver nenhuma referência explícita ao julgamento final como no Islã e no Cristianismo; os humanos são instados a fazer o bem na vida para que, quando a morte finalmente chegar, possam ser lembrados por suas boas ações. O caráter de alguém pode ser medido em termos de virtude e vício, ou em ações dignas de recompensa. Para o Yoruba, esta é a essência da religião.

Por exemplo, pode-se dizer que um indivíduo próspero e bem-sucedido colhe as boas ações de seus pais falecidos durante sua vida. Da mesma forma, pode-se dizer que um indivíduo que sofre está colhendo as más ações de seus pais falecidos. Assim, presume-se que os descendentes de um perverso podem viver para colher o castigo destinado a seus pais. A religião iorubá compartilha essa ideia com o cristianismo, como no relato de um homem digno de nota no livro de Eclesiástico do Antigo Testamento, capítulo 44.

Yancy: Como os iorubás deixam ir e lamentam aqueles que morreram?

Olupona: Os iorubás gastam muito tempo e energia enterrando seus mortos. Supõe-se que um enterro “adequado” seja necessário, não apenas para garantir a transição pacífica do falecido para o mundo dos ancestrais, mas também para garantir que os vivos não sejam afetados pela visita da morte. Cerimônias funerárias e rituais podem levar até uma

semana inteira e envolver a família extensa e imediata do falecido, sua linhagem e clã, residentes de sua cidade e, finalmente, toda a comunidade.

Em certos lugares, também se supõe que os mortos devem ser encorajados a partir rapidamente e visitar o mercado aberto (Oja), onde podem aparecer como espíritos. Entre o povo Owo Yoruba, acredita-se que os mortos, através de uma jornada de volta para casa, devem primeiro retornar à cidade sagrada da criação Yoruba, Ilé-Ifè, a caminho do reino ancestral.

Na tradição Owo Yoruba, onde as faixas etárias estão bem estabelecidas, os rituais e cerimônias fúnebres são levados a sério. Os membros dessas faixas etárias são responsáveis por cavar as sepulturas de seus pares ou dos pais de seus pares que faleceram para garantir que sejam devidamente enterrados.

Portanto, o iorubá diria:

“Eni gbele lo sinku, eni sunkun ariwo lo pa.”

“São os coveiros que são os verdadeiros enlutados; parentes que derramam lágrimas estão apenas fazendo barulho.”

FONTE:

<https://www.nytimes.com/2021/02/14/opinion/Yoruba-religion-death.html>

Transcrição e adaptação: Luiz L. Marins

<https://luizlmarins.wordpress.com>

Tradução digital revisada; corrija se necessário.

Publicado em 24/02/2023 blog Ile Axe Nago Kobi

<https://iledeobokum.blogspot.com/2023/02/a-morte-tem-muitos-nomes-entrevista-com.html>